

ETAPA INTERMEDIÁRIA COM OS YUDJA DO BAIXO XINGU NO CORAÇÃO DA AMAZÔNIA

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira¹
Mônica Cidele da Cruz²

RESUMO

Este artigo aborda uma experiência de prática pedagógica em pesquisa, junto ao povo *Yudja*, na Terra Indígena do baixo Xingu. Tem como objetivo trazer diálogos, atividades e práticas pedagógicas desenvolvidas neste contexto vivenciado em etapa intermediária do curso de Pedagogia Intercultural, da Faculdade Indígena Intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso. A metodologia do trabalho insere-se dentro da premissa da abordagem etnográfica e participante, com observação do contexto vivenciado e com inferências na prática pedagógica em desenvolvimento. A vivência em etapa intermediária na TI Xingu, na aldeia *Paksamba* do povo *Yudja*, apontou a complexidade das mediações do mundo vivido com o mundo acadêmico. Professores, comunidade e acadêmicos foram envolvidos pelo complexo amazônico de relações com histórias e experiências vividas no período mais crítico da Covid-19, pelo conhecimento das águas e partilha de saberes, muito mais dos *Yudja* ao da academia. Nesse contexto, os professores da universidade assumiram o lugar da escuta sensível para aprender e apreender novas significações do mundo *Yudja*.

Palavras-chave: Etapa intermediária. PovoYudjá. Aprendizagens.

INTERMEDIATE STAGE WITH THE YUDJA OF THE LOW XINGU IN THE HEART OF THE AMAZON

ABSTRACT

This article addresses an experience of pedagogical practice in research, with the *Yudja* people, in the Lower Xingu Indigenous Land. It aims to bring dialogues, research, activities and pedagogical practices developed in this context experienced in an intermediate stage of the Intercultural Pedagogy course, of the Intercultural Indigenous Faculty of the University of the State of Mato Grosso. The methodology of the work is inserted within the premise of the ethnographic and participative approach, with observation of the lived context and with inferences in the pedagogical practice in development. The experience in an intermediate stage in the Xingu TI, in the *Paksamba* village of the *Yudja* people, pointed out the complexity of the mediations of the lived world with the academic world. Teachers, community and academics were involved by the Amazonian complex of relationships in stories and experiences lived in the most critical period of Covid-19, knowledge of the waters and sharing of knowledge, much more of the *Yudjá* than of the academy. In this context, university professors took the place of sensitive listening to learn and apprehend new meanings of the *Yudja* world.

Keywords: Intermediate stage. *Yudja* people. Apprenticeships.

Data de submissão: 11.07.2021
Data de aprovação: 10.05.2023

¹ Doutora em educação pela UFRGS, coordenadora e professora do Curso de licenciatura em Pedagogia Intercultural, Pedagogia campus de Juara. PPGECEI e PPGEDU. E-mail: waldineiaferreira@hotmail.com

² Diretora da Faculdade Indígena Intercultural-FAINDI-UNEMAT. Coordenadora. do Projeto de Pesquisa: "Fonologia das línguas nambikwara: subgrupos Mamaindê, Negarotê, Kithaulu, Wakalitesu, Alantesu, Hahaintesu e Wasusu"/CNPQ. E-mail: monicacruz@unemat.br

INTRODUÇÃO

O texto que apresentamos é resultado de diálogos construídos em etapa intermediária, junto aos acadêmicos do curso de Pedagogia Intercultural da Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

As etapas intermediárias são momentos de encontro que ocorrem no tempo aldeia, período em que profissionais da Universidade estabelecem relações de proximidade pedagógica, diagnóstica, de orientação e de compartilhamento de aprendizagens com os estudantes do curso.

De outra forma, pode-se dizer que as etapas intermediárias se constituem como uma formação estendida e continuada, pois dela participam acadêmicos e acadêmicas, demais professores das aldeias, líderes e anciãos da comunidade. Elas acontecem entre uma etapa presencial (tempo universidade) e outra.

No entanto, as duas últimas etapas intermediárias que ocorreram no final de 2021 e início de 2022, constituíram-se de uma participação diferenciada, pois ainda estávamos com todos os cuidados relativos ao tempo pandêmico da Covid-19, principalmente porque mesmo com as vacinas, os casos continuavam ocorrendo, portanto, necessitava de todo cuidado.

A produção da etapa intermediária é realizada conforme a vivência dentro da aldeia; e os conteúdos e reflexões pedagógicas vão se estruturando de maneira interculturalizada e decolonial. É como um sistema complexo, em que a autonomia e o protagonismo dos *Yudja* são tão fortes que somos abraçados por eles, pelo rio e pela floresta com tudo que nos oferecem em vivência e em aprendizagens que se dão pelo gosto, pelo sentir, pelo ouvir e pelo corpo que se dispõe a estar junto. Esse é o fazer pedagógico sentido e constituído, não em ensinamentos descontextualizados, mas consubstanciados da pedagogia indígena *Yudja*.

O tempo aldeia com os *Yudja* constituiu-se em um encontro entre os quatro acadêmicos (*Yudja*) do curso de Pedagogia Intercultural, com a equipe de trabalho e com as pessoas da aldeia, num momento coletivo. Nesse sentido, o objetivo deste texto é trazer os diálogos de pesquisa, atividades e práticas pedagógicas desenvolvidas neste contexto vivencial.

Os *Yudja* são conhecidos como povo Juruna e vivem em aldeias que se aproximam da BR-80, na Terra Indígena do Xingu, antes conhecida como Parque Indígena do Xingu. São falantes da língua *Yudja*, do tronco Tupi. Atualmente, no estado de Mato Grosso, na TI Xingu, encontram-se distribuídos em 12 aldeias *Yudja*, sendo elas: Pequizal, *Tuba Tuba*, *Pakaya*, *Maidika*, *Paksamba*, *Awaya*, *Maida*, *Parureda*, *Mupa*, *Kamii*, *Karima* e *Latu*, margeando o rio Xingu.

Conforme o Instituto Socioambiental (ISA), os *Yudja* são habitantes tradicionais das ilhas do rio Xingu, situadas entre a Volta Grande e o rio Fresco. Eles têm uma relação especial com o rio Xingu e são navegantes e pescadores habilidosos, com utilização de técnicas próprias, pois detêm conhecimento da ecologia do rio.

O encontro se deu na aldeia *Paksamba*, onde nos reunimos com demais acadêmicos *Yudja* das aldeias *Maida* e *Mupa*. Pode-se dizer que a palavra encontro assumiu uma característica de encontrar, no sentido do reencontro, do estar juntos.

A primeira parte desta escrita se direciona a diálogos e a sentimentos expostos pelos acadêmicos, acerca das histórias e narrativas do tempo pandêmico, dos desafios e das dificuldades experienciadas.

A segunda parte apresenta a nossa imersão no interior do baixo Xingu, junto aos acadêmicos da Faculdade Indígena Intercultural, com as percepções destes acerca das experiências e do próprio atendimento compartilhado em etapa intermediária.

1 DIÁLOGOS DECOLONIAIS

Vivemos um período de reencontros que têm se dado em diferentes setores da sociedade, das sociedades indígenas, e/ou encontros com as sociedades indígenas. Estamos aprendendo um diálogo diferente, atravessado por um hífen social e cultural de diferentes manifestações tradicionais e de organizações de ensino que atuavam junto à pluralidade de povos indígenas deste país. Experiências têm sido o foco de diálogos dentro e sobre a Amazônia brasileira, com os povos indígenas, neste caso aqui, com os indígenas do baixo Xingu.

Aprendemos, nesses diálogos, narrativas de um período bastante doloroso. Ouvir esses diálogos nos remetem a experiências também vivenciadas durante os acontecimentos da Covid-19, em estado de pandemia, principalmente, no que se refere ao ano de 2020, com picos de registros de doentes e mortes causadas pelo sars-cov-2, vírus responsável por infectar o corpo dos humanos, causando a Covid-19.

O medo foi geral, as cidades, as casas e as aldeias se transformaram em lugares de possíveis contaminações. O desconhecimento do tratamento e a incidência de mortes nas cidades e nas comunidades indígenas mobilizaram diferentes formas de atuação nas sociedades do país. A primeira foi o afastamento social, portanto, também afastamento cultural. E é isso que estamos denominando de hífen cultural, como também, a inauguração de um outro tempo.

O sinal diacrítico que o hífen representa nas alterações fonéticas é compreendido, dentro deste contexto, como uma alteração e, ao mesmo tempo, como uma suspensão de rituais e manifestações da cultura, abrangendo as situações de relações em diferentes dimensões vivenciais.

A mata e a floresta, dentro do contexto de relações com a natureza, são cosmológicas porque há donos, encantados onde todos os tipos de seres procuram refúgio, na busca da sobrevivência e da fuga da morte.

Charadu, um dos nossos acadêmicos *Yudja*, relata em texto, que a floresta é de onde se retira alimentos, portanto, lugar para o qual é preciso pedir licença, pois, um dia, quando um rapaz foi caçar na floresta, transformou-se em pajé. Os anciãos contam que o rapaz, ao sair para caçar os animais para se alimentar, encontrou uma árvore com ossos embaixo dela. Ele, o rapaz, caía, dormia e aprendia e, aos poucos, foi virando pajé e curando as pessoas doentes. A história é muito longa, por isso, não a escrevemos na íntegra aqui.

Organizações de permanência na aldeia e protocolos de cuidados com as saídas ultra necessárias foram criados. Entre eles, combinaram que parentes não visitariam parentes, com isso, os *Yudja*, que têm a familiaridade de se encontrarem nas aldeias dos outros *Yudja*, ficaram distantes. Os relatos são de sofrimento e de tristeza, somados ao medo.

Mesmo estando em lugares compreendidos como seguros, avaliações foram feitas, com a intenção do encontro com a vida. Grupos indígenas, em diferentes lugares do Brasil, entre eles, os *Yudja*, tomaram a decisão de se abrigarem nas matas, de ficar em isolamento, abraçando o interior da floresta.

Na aldeia *Maida*, o diálogo durou dois dias entre as lideranças e, com a palavra do líder maior Akan Juruna, os preparativos para deixar a aldeia teve início. Era preciso se movimentar, pois havia muito medo de contrair a Covid-19, explica Marakadi Juruna.

Na avaliação deste grupo, essa seria a única forma de proteger as famílias. Dessa forma, as famílias e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) foram comunicadas dessa decisão e, com o apoio, não apenas da FUNAI, mas também da Secretária Especial de Saúde Indígena (SESAI), e de posse de combustível, os barcos ganharam as águas do rio Xingu, entre idas e vindas.

E nesse vai e vem, no percurso das águas, as pessoas da aldeia *Maida* abraçaram e foram abraçadas pela floresta, *“Ficamos bem isolados, distante de tudo, e também passamos necessidades durante a pandemia [...] um tempo difícil, tempo de chuva, sofremos falta de alimentação, e o tempo de rio cheio dificultou pescaria e caça... passamos fome junto com as*

crianças”, nos fala Yakarewa. Mesmo as roças sendo abandonadas, na aldeia haveria alimentação, entretanto, a situação era emergencial e o medo era muito grande.

Ainda de acordo com Yakarewa, esse período também foi significativo em vivências e aprendizagem para as crianças, mesmo com o medo presente. Embora os olhos das crianças e adultos estivessem assustados, havia certa tranquilidade. Houve estranhamentos, pois o tipo de vida que vivenciaram se distanciava da realidade atual das aldeias. Havia muitas histórias sendo contadas e uma aprendizagem intermediada pelos sabedores da cultura, pelas memórias oralizadas.

Marakadi explicou que, para retornar não teria combustível, então foram construídas canoas, pois os *Yudja* são especialistas em navegação. O próprio nome *Yudja* significa donos do rio, destacou Marrurimã, reforçando a relação dos *Yudja* com a água.

Conforme os acadêmicos, famílias saíram da aldeia *Aribaru* e fundaram outras aldeias, com a finalidade de diminuir o quantitativo de pessoas e se espalharem. E foi neste período controverso que foi fundada a aldeia Mupa, atualmente com oito famílias e uma população de 42 pessoas. Essa aldeia foi um acampamento de isolamento em proteção à infecção pela Covid-19. Inicialmente, muitas famílias ficaram nesse espaço, num período de três meses, entre abril, maio e junho.

Yakarewa nos conta que mesmo a SESAI mandando alguns medicamentos, nesse período, a prática do uso de remédio e das ervas tradicionais da medicina *Yudja* foi fortalecida com o consumo constante deles.

Esses movimentos e reorganizações influenciaram em alterações e em vários tipos de hífens. As dificuldades e as adversidades da floresta, com mosquitos e com a presença mais comum de animais peçonhentos, entre outras dificuldades, fizeram com que os *Yudja* da aldeia *Maida*, e alguns moradores de *Aribaru* retornassem às suas aldeias de origem. Mesmo assim, outras famílias continuaram resistindo e permaneceram na floresta, em isolamento.

Os *Yudja* de *Paksamba* permaneceram na aldeia, seguindo protocolos. Quando alguém ia até a cidade para resolver quaisquer assuntos, ficava isolado por uma semana, antes de ter contato com as demais pessoas da comunidade. Um controle rigoroso e cuidadoso foi montado com a equipe de saúde e com os moradores das aldeias.

Todos esses fragmentos de textos foram escritos e relatados em nosso encontro. São vivências de 2020, ano em que esses acadêmicos, como tantas outras pessoas, tinham planejamentos de estarem em atividades presenciais; eles, os quatro *Yudja*, cursando a sétima etapa do curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Para que pudéssemos atendê-los em etapa intermediária, foi preciso que, primeiramente, a Faculdade Indígena Intercultural assumisse um posicionamento pedagógico-político de oferta de um ensino remoto, específico e emergencial.

Então, respeitando todas as situações vividas pelos acadêmicos e acadêmicas do curso, que são oriundos (as) de 18 etnias do estado de Mato Grosso, após buscar diálogo com a maioria deles e, em colegiado, decidimos realizar as atividades remotas. E, como elemento didático e facilitador, foram produzidos materiais específicos, denominados como cadernos pedagógicos.

Esses cadernos pedagógicos correspondem aos componentes curriculares do respectivo curso, e se apresentam com uma linguagem que dialoga com acadêmicos e acadêmicas. Assim, as aulas de ensino remoto específico e emergencial ocorreram com o uso de diferentes meios midiáticos e plataformas digitais, como *Google Meet*, *e-mails*, com explicações/aulas gravadas, porém, o meio mais comum e com alcance maior foi o *WhatsApp*. Somou-se a isso a entrega dos cadernos impressos na aldeia de cada discente, seguindo rigorosamente os protocolos vigentes, com todos os cuidados e higienização exigidos.

Essa decisão política e pedagógica possibilitou que, posteriormente, realizássemos as etapas intermediárias, porém, somente quando fomos liberados e com a autorização da FUNAI para ingressarmos em terras indígenas. Esse momento ocorreu, também, após a aplicação da

terceira dose da vacina em estudantes e professores da equipe de desenvolvimento, orientação e acompanhamento das intermediárias.

No período mais alto da pandemia e do afastamento social, as aulas e os diálogos ocorreram de forma midiática, porém, com aproximação humana. O diálogo para Paulo Freire (2005) é instrumento de humanização, pois há nele a possibilidade de uma aproximação com conhecimentos da realidade, e ele é central no processo de libertação. Nesta situação, dialogar está sob a âncora da escuta sensível e complexa da vida *Yudja*, nas relações com a natureza e nas relações das ameaças sofridas pela Amazônia brasileira, que já impactam e podem impactar muito mais, e de maneira negativa, o modo de vida dessas populações.

Para Walsh (2019), a interculturalidade emerge na construção de outra epistemologia enquanto prática política outra “[...] uma outra forma de pensamento relacionada com e contra a modernidade/colonialidade [...]” (p. 9) que direciona a construção de outro mundo, portanto, outras possibilidades de existência.

Nesta mesma direção, Azinari (2022, p. 65), aponta que “Na educação básica e no ensino superior professores/as ao refletirem sobre suas ações docentes podem provocar estudantes a encontrar pistas para a construção e valorização de outros saberes, locais, situados culturalmente num contexto de pertencimento”.

Com isso, o processo de formação vai articulando diferentes instituições, saberes e agentes sociais que se dedicam neste trabalho junto aos povos indígenas de diferentes maneiras e espaços político-pedagógico–professores, ou seja, de universidades, professores da rede pública da Educação Básica, formadores, pesquisadores, orientadores pedagógicos e professores indígenas, potencializando uma prática que superou o estarmos juntos, como explicita Walsh (2019), não apenas capaz de promover uma educação intercultural crítica, mas, ao contrário disso, há que se colocar em relação intencionalmente nessas dimensões de conflitos que a diversidade étnica-cultural-linguística nos apresenta como desafio, e que pode potencializar o rompimento de relações homogeneizantes, coloniais e racistas.

2 ETAPA INTERMEDIÁRIA: SABERES DO UNIVERSO YUDJA NO CORAÇÃO DA AMAZÔNIA

Como já dissemos, a intermediária é o entreposto que ocorre entre uma etapa presencial e outra. É o momento em que:

Os nexos conectivos do mundo da aldeia e do mundo universitário emaranham-se de tal forma que os estudos intermediários se constituem como parte de uma formação estendida porque não apenas os estudantes dela participam, mas o coletivo da aldeia com aqueles que estão na aldeia. Essa formação assume o princípio da partilha de saberes, da aprendizagem da escuta e da leitura de mundos (SILVA, FERREIRA e FERREIRA, 2017, p. 425).

Trata-se de uma formação estendida e continuada, em que se compartilham saberes em proposições didático-pedagógicas que se entrelaçam a dois mundos, produzindo uma interculturalidade crítica e processos educativos que se quer decoloniais. São processos desenhados, em meio a uma etnografia que se alinha à antropologia e ao próprio jeito de etnografar os modos educativos que emergem da partilha e dos diálogos produzidos na/para a Escola Estadual Indígena *Sebaya 'u*, na aldeia *Paksamba*.

Para chegarmos à aldeia, percorremos muitos quilômetros por terra; o último município a passarmos foi Matupá, depois adentramos à Terra Indígena do Xingu, percorrendo estradas de chão até a balsa, conhecida como balsa dos Kayapó.

Dali em diante, o barco que tinha como piloto, um dos nossos alunos, nos recebeu. Ele já havia percorrido 20 quilômetros de barco, da sua aldeia *Mapu* até a balsa, de onde saímos

até a aldeia *Maida*, navegando, aproximadamente, cinco quilômetros, pelas águas do rio Xingu. Nessa aldeia, mais um dos alunos entrou no barco e, posteriormente, seguimos para a aldeia *Paksamba*, onde os outros dois já nos aguardavam. Éramos uma comitiva de 7 pessoas em uma embarcação com motor 40 HP, sob o balanço das águas do rio, com os olhos atentos às margens ciliares e outras aldeias que margeiam o rio ao longo trajeto. A aldeia *Paksamba* estava a aproximadamente 70 km da balsa, e o trajeto, via rio Xingu, durou cerca de três horas. E foi na aldeia *Paksamba* que nos instalamos, fomos acolhidos pela comunidade e utilizamos a escola como ponto de apoio para todas as ações pedagógicas e de alojamento.

A primeira ação didática se deu com o diálogo sobre este tempo de reencontro, o atendimento às atividades, os debates sobre as pesquisas que os acadêmicos estavam desenvolvendo. O tempo pandêmico afetou as questões pedagógicas, por isso, era preciso retomar situações curriculares.

A parede da escola estava repleta de textos produzidos na língua materna *Yudja*, as crianças trouxeram cadernos para que olhássemos. Nossa observação foi sobre a atitude deles, à medida que identificavam que algumas atividades foram desenvolvidas por uns e por outros não. Eles intermediavam em língua materna e logo estavam discutindo em grupo, um auxiliando o outro na produção escrita e nas orientações, mesmo quando se dava por meio da língua portuguesa, em processos de pesquisa, prática pedagógica e interculturalidade.

Ao mesmo tempo em que estávamos na escola, as famílias já nos chamavam para o momento da alimentação, peixe assado e beiju, entre outros alimentos que nossa equipe levou. Nesse momento, toda a alimentação, como os saberes, foram partilhados. Estudando, orientando e produzindo, organizava-se também a pescaria. Os estudantes, inclusive, um Apiaká do Pontal dos Apiacás, também acadêmico da FAINDI, que nos acompanhava nesta intermediária, madrugavam no rio Xingu para fazer a pescaria, antes do início dos nossos encontros matinais. Com o acordar do sol, o alimento vindo das águas chegava até nós.

Observávamos que a vida na aldeia continuava. O sábado chegou, era dia de tomar *Kaxiri*, bebida específica dos *Yudja*, feita com mandioca brava. As orientações e as escritas das pesquisas continuavam e, entre um tempo e outro, tomava-se uma cuia de *Kaxiri*. Estivemos na casa de Marrurimã e, ao entrar, estava um grupo de mulheres que muito pouco entendia a língua portuguesa, mas nos olhares, o diálogo era feito. Elas também estenderam a cuia de *Kaxiri* e muito alegre ficamos saboreando aquela bebida.

Na casa, a exposição das cerâmicas *Yudja* estava lá, panela, potes, cumbucas, enfim, uma arte aprendida, não apenas sob o nosso olhar, mas também, a partir do relato de trabalhos dos acadêmicos. Nesse lugar, líamos, ouvíamos e vivenciávamos os saberes *Yudja*. Aprendemos com Marrurimã que as mulheres são as produtoras dessa arte, que eles vão até um local específico e coletam esse barro especial. Vão de canoas ou barco, ação que é feita apenas na época em que o rio está no seu período de seca. Depois levam para a aldeia, espalham o barro no sol, socam no pilão, passam na peneira, utilizando a casca de uma árvore que é boa para não deixar a panela rachar. Depois as mulheres usam fixadores vegetais e fazem pinturas corporais *Yudja* na panela.

Todo relato e todo diálogo evidenciavam os saberes do povo *Yudja*, mostrando que o rio lhes dava alimento e a floresta também. As escritas passavam a ter o sabor da decolonialidade em ação, desta forma, a etapa intermediária vai se constituindo nesse nexo de saberes indígenas e acadêmicos. Se faz num processo intercultural em que o Outro especificado nas linhas teóricas, como o ‘massacrado’, emerge em sabedoria, em ciência que já é trabalhada há muito no livro de Berta Ribeiro (1987) sobre os saberes da agricultura, o uso do solo, os saberes arquitetônicos, seleção genética de plantas, entre muitos outros conhecimentos.

Destacamos, por exemplo, o *Kaxiri*, bebida *Yudja* feita de mandioca brava. Para fazê-la, é preciso saber o tempo de fermentação e de preparo para que um determinado produto da mandioca brava não provoque intoxicações. Esse tipo de mandioca tem o ácido cianídrico

(HCN), um líquido incolor, muito volátil, sendo considerado como uma das substâncias mais tóxicas que existe.

O uso de ervas medicinais, inclusive, com plantas da mata cultivadas no espaço da aldeia *Paksamba*, é relatado nas atividades escritas dos acadêmicos, assim como, por meio da oralidade. Enfim, as intermediárias, além de práticas pedagógicas, são vivências dos professores não indígenas que precisam estar com o olhar atento e sensível às aprendizagens.

Assim, professores em constante impacto de saberes, precisam assumir a postura Freireana do reconhecimento da autonomia na produção de saberes alicerçados aos conhecimentos próprios, em sentido rigoroso e amoroso, com humildade e com discência, como ensina Paulo Freire (2000). Também, como lemos em Meliá (1979), que o sentimento comunitário da educação na sociedade indígena permite o acesso ao conhecimento daqueles que estão na comunidade. Portanto, compreendemos que há uma abertura de que tais conhecimentos sejam acessados por aqueles que estão junto com eles, mesmo não sendo indígenas.

Neste caso, a vivência constituiu-se como um rompimento de decolonialidade em contraposição à colonialidade do saber com a valorização de epistemologias outras. As lentes foram outras e mais aprofundadas na perspectiva intercultural. Aqui citamos Ballestrin (2013, p. 108), pois entendemos que essa aprendizagem e estudos decoloniais estão mais relacionados “com as novas lentes colocadas sobre velhos problemas latino-americanos do que com o elenco desses problemas em si”. Com isso, o que estamos a dizer é que olhar diferente o diferente é interculturalizar-se no dispor de estar junto em diferentes dimensões e, aqui, a dimensão é pedagógica de um aprender que se direciona intensamente à equipe da universidade. Portanto, não se inscreve como uma textualidade explicativa apenas, mas sobretudo, no pensamento e contribuições para pensar processos pedagógicos mais humanizados.

Assim, o tempo em *Paksamba* foi findando, mas os encontros continuavam e tinham outros rumos; e o próximo foi a aldeia Diauarum. Antes de chegarmos, depois de um tempo na voadeira, a nossa aprendizagem ainda continuava, aprendizagens sobre os saberes *Yudja* acerca da mata, do rio, do tempo e das margens do Xingu.

O motor silenciou e os *Yudja* dialogavam: “olhem a margem do rio, observem. Esse é o lugar de onde tiramos o barro para fazer a cerâmica, e ele não existe em todo lugar, este é um deles”. O motor voltou a barulhar e continuamos navegando pelas águas xinguanas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No coração da Amazônia, no movimento das águas, a vida dos povos indígenas que habitam esse lugar tem um coração que bate com o reencontro das atividades das etapas intermediárias, pois são muito poucos os professores com formação acadêmica.

Pressupõe-se, a partir desses diálogos analíticos, que há uma interculturalidade aprendida pela academia em mergulho junto aos *Yudja*, que nos envolve em movimentos fagocitantes como já explicava Kusch (1999) e também Walsh (2019), ao dizer da interculturalidade dentro de um espaço geopolítico de resistência de povos minorizados, entre eles, os indígenas.

Nas expressões pedagógicas, a interculturalidade insere-se na construção de uma prática outra que desalinha a epistemologia eurocentrada. Os estudos têm demonstrado que a interculturalidade é ferramenta política nos movimentos indígenas equatorianos e em toda a América Latina. Ela tem se estendido a diferentes campos, entre eles, nas experiências de educação escolarizada e em cursos específicos para a formação de professores indígenas.

Na etapa intermediária, a pesquisa se deu pelo olhar de lentes outras, observando e compartilhando vivências do estar sendo, aprendendo com eles e com o rio, com eles e com o

Kaxiri, com eles e com a mata, com eles e com as ervas, com eles e com a pescaria, com eles e com as águas do rio Xingu.

Nas atividades e práticas pedagógicas, escutamos vozes permeadas pelas águas que circulam o coração da Amazônia. O som da língua materna ficou no coração e, em nossa comunicação, em língua portuguesa, as ciências da natureza, tão conhecidas por nós, dialogaram nas atividades escritas, juntamente com os conhecimentos e cosmologia *Yudja*. Juntos, o solo que compõe a mata ciliar foi explicado em forma de artesanato, nas confecções de cerâmicas, na abordagem dos saberes próprios da tecnologia *Yudja*.

A resistência pela interculturalidade estava sob *práxis*, fagocitando-nos; e é plausível dizer que o encontro teórico da academia se consolidou na *práxis* da pedagogia *Yudja*, em processos de aprendizagens. Então, pesquisa, atividades e práticas pedagógicas consubstancializaram-se como processos interculturais de resistência e re-existência no coração da Amazônia.

Essas ações, vivenciadas pela Faculdade Indígena Intercultural, são elementos experienciados na prática, sonhados e resultados de um processo histórico no estado de Mato Grosso. Januário (2004) já salientava que se tratava da implementação de uma formação de professores/as e de pensar uma educação escolar indígena pautada nos princípios da pluralidade cultural. Assim, tal perspectiva exigia compromisso, ousadia, investimento de instituições governamentais e não governamentais, juntamente, com o movimento dos professores indígenas. Para o autor, são mecanismos necessários para a consolidação de uma “educação intercultural, bilíngue e de qualidade, com currículos, material didático, calendários e conteúdo de caráter indígena, que respeitem as práticas sociais e culturais de cada comunidade” (JANUÁRIO, 2004, p. 97).

Esse é um movimento de ressignificação, não só das construções da academia, quando embarca para a Amazônia Xinguana, mas também, dos *Yudja* na constituição de professores indígenas. É um encontro que se dá em reencontros, da história, dos significados da escola, do repensar e refletir em língua *Yudja* e em língua portuguesa, como povo bilíngue que é, e em situação de multilinguismo.

No texto, além de trazemos um recorte da vivência feita na intermediária, na aldeia *Paksamba*, dialogamos com as tristezas do coração, das alterações climáticas no Xingu, do abandono e da forma com que o governo federal permitiu os riscos às vidas indígenas. O aumento do desmatamento na Amazônia brasileira, de acordo com estudos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), provocou a perda de 11.088 quilômetros quadrados de área de floresta, entre agosto de 2019 e julho de 2020. A Amazônia brasileira, e todos os que vivem nela, estão sob ameaças constantes.

A etapa intermediária tornou-se texto pedagógico vivido, refletido, solidário e em solidariedade, como também, espaço de anúncio e de denúncia de uma Amazônia sofrida e de povos amazônicos em potencialidade, a partir da cultura *Yudja*, por exemplo. Por outro lado, é frágil diante dos mecanismos de exploração da Amazônia em todas as relações e dimensões da natureza, da mãe terra, do humano que é parte intrínseca da constituição amazônica.

Diante dos apontamentos reflexivos, afirmamos que a etapa intermediária é um lugar de encontros e reencontros de atitudes e possibilidades de reconstruções didático-pedagógicas. É um lugar de construções outras que se direcionam para o Bem Viver dessas populações quando, pela autonomia e pelo empoderamento, fortalecem seus processos próprios de aprendizagem em constantes movimentos de resistência e (re)existência, bem como uma estratégia de luta pelos seus direitos, como apontam Zoia e Mendes (2020). Nessa perspectiva, a transformação e a emancipação de Freire (2005) são elementos importantes neste diálogo.

REFERÊNCIAS

- AZINARI, Amanda Pereira da Silva. Interculturalidade e o desenvolvimento profissional docente no contexto das diferenças culturais. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 38, n. 2, p. 59–74, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/10991>. Acesso em: 10 maio 2023.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio–ago. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/?format=pdf&lang=t> Acesso em: 08 jul.2022
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 42.^a ed., 2005.
- JANUÁRIO, Elias. Formação de professores índios na universidade: a experiência do 3º grau indígena. **Revista da Faculdade de Educação**, Cáceres, n. 2, jan.-jun. 2004. Disponível: http://www2.unemat.br/revistafaed/content/vol/vol_2/artigo_2/94_107.pdf Acesso em: 08 jul.2022
- KUSCH, Rodolfo. **América Profunda**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1999.
- MELIÁ, Bartomeu. **Educação Indígena e Alfabetização**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.
- RIBEIRO, Berta G. **O índio na Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro, UNIBRADE/UNESCO, 1987.
- SILVA, Adailton Alves da; FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara; FERREIRA, Lucimar Luísa. As Etapas Intermediárias como espaço de formação na Licenciatura Intercultural: interações e nexos entre Aldeia-Universidade. **Revista de Educação Pública**, v. 26, n. 62/1, p. 421-432, 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/5003>. Acesso em: 1 jul. 2022.
- WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)**. v. 5, n. 1, jan.-jul. 2019. Disponível: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/revistadireito/issue/view/897> Acesso em: 08 jul.2022.
- ZOIA, Alceu; MENDES, Matilde. Alguns aspectos da luta pela efetivação do direito à autodeterminação do povo indígena Paiter Suruí: a educação, a cultura e a terra. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 33, n. 1, p. 247–268, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/4794>. Acesso em: 10 maio. 2023.